



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

**RELATÓRIO USDA BAIXISTA PARA MILHO E TRIGO,
NEUTRO PARA A SOJA**

Comentários referentes ao período entre 08/09/2023 a 14/09/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/09/2023	13,49	411,90	63,15	5,67	4,68
11/09/2023	13,52	412,00	63,15	5,56	4,71
12/09/2023	13,31	405,20	62,72	5,60	4,63
13/09/2023	13,36	401,90	64,43	5,69	4,64
14/09/2023	13,43	401,90	64,43	5,67	4,62
Média	13,42	406,58	63,58	5,64	4,66

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	138,00	
RS – Não Me Toque	138,00	
RS – Londrina	127,00	
PR – M.C.Rondon	127,00	
MT – C.N.Parecis	116,00	
MS – Maracaju	128,00	
GO - Rio Verde	119,00	
BA – L.E.Magalhães	124,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	59,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	52,00	
SC – Rio do Sul	54,00	
PR – M.C.Rondon	42,00	
PR – Londrina	42,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	41,00	
SP – Itapetininga	52,00	
SP – Campinas	56,00	CIF
GO – Rio Verde	41,00	
GO – Jataí	41,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	57,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	50,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	

Período: 13/09/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/09/2023

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	52,95	143,67	59,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/09/2023

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	95,84
Feijão (saco 60 Kg)	254,50
Sorgo (saco 60 Kg)	42,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,19**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,64

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, apesar dos números do relatório do USDA, divulgado no dia 12/09, ficaram estáveis nesta semana. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado (novembro/23), fechou em US\$ 13,60, contra US\$ 13,59 uma semana antes (setembro, que sai do circuito neste dia 14/09, ficou em US\$ 13,43, contra US\$ 13,45 uma semana antes).

Na prática, o novo relatório de oferta e demanda do USDA diminuiu em cerca de dois milhões de toneladas a safra estimada nos EUA, após os efeitos climáticos destes últimos 30 dias. Assim, a produção daquele país está, agora, estimada em 112,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais, para 2023/24, ficam em 5,99 milhões. Já a produção mundial ficou em 401,3 milhões de toneladas, contra 402,8 milhões em agosto. Os estoques finais mundiais praticamente não sofreram redução, registrando 119,2 milhões de toneladas. Brasil e Argentina permaneceram com projeção de safra de 163 e 48 milhões de toneladas, respectivamente. A China deverá importar 100 milhões de toneladas de soja neste novo ano 2023/24. Com isso, o preço médio, aos produtores estadunidenses de soja, no novo ano comercial, está projetado em US\$ 12,90/bushel, contra US\$ 14,20 na média esperada para 2022/23.

Em linha com este relatório, o índice de lavouras entre boas a excelentes condições, no dia 10/09, recuou para 52% nos EUA. Outros 30% das lavouras estavam em situação regular, enquanto 18% estavam entre ruins ou muito ruins. Nesta data 31% das lavouras de soja local estavam na fase de desfolha, contra 25% na média histórica.

Apesar destes números, Chicago recuou durante a semana, pois o mercado esperava um corte maior na produção e nos estoques finais dos EUA.

Dito isso, os embarques de soja estadunidense, na semana encerrada em 7 de setembro, somaram 310.073 toneladas, ficando pouco acima do patamar mínimo esperado pelo mercado. Com isso, no total do atual ano comercial o volume está 21% abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Argentina as vendas de soja, por parte dos produtores, chegaram a quase um milhão de toneladas nos primeiros sete dias de setembro. Este impulso nas vendas se deve à decisão do governo de abrir espaço em seu controle de capital, visando permitir que os exportadores de grãos usem livremente um quarto de sua receita em moeda estrangeira para comprar soja. Como tem sido nos últimos anos, no vizinho país, em crise estrutural profunda, a medida agora tomada busca incentivar mais exportações para trazer dólares para dentro do país, já que a Argentina praticamente está sem reservas cambiais e sem crédito na praça. Assim, desde que a medida foi anunciada os preços internos da soja subiram 71 dólares por tonelada, batendo em US\$ 443,00. (Cf. Bolsa de Cereais de Rosário)

Lembrando que a última safra de soja na Argentina recuou 53%, sobre o ano anterior, devido à seca, com colheita final de apenas 20 milhões de toneladas. Segundo a Bolsa de Rosário, cerca de 7 milhões de toneladas desta última safra ainda não havia sido vendido no final da primeira semana de setembro.

E pelo lado da demanda, a China aumentou suas importações de soja no ano comercial outubro/22 a setembro/23. As mesmas, ainda faltando contabilizar o mês de setembro para encerrar o ano comercial, chegavam a 93 milhões de toneladas. Esse comportamento reflete a melhora nas margens de esmagamento internas, uma demanda maior por ração e óleos vegetais e uma recuperação nas exportações de farelo e óleo de soja no último trimestre.

Enquanto isso, no Brasil, com o câmbio trabalhando entre R\$ 4,90 e R\$ 4,98 por dólar durante a semana, prêmios estáveis, porém, no terreno positivo, e Chicago com leves baixas, os preços da soja se mantiveram também estáveis, porém, com algum viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 143,67/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 138,00/saco. Já no restante do país, os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 116,00 e R\$ 128,00/saco.

Dito isso, até o dia 1º de setembro a comercialização da safra nacional de soja 2022/23 chegava a 80,7% de seu total, contra 88,8% na média histórica para a data. Estima-se que a produção final da última safra tenha sido de 157,1 milhões de toneladas. Já para a futura safra 2023/24, cerca de 18,1% da colheita prevista (cerca de 163 a 164 milhões de toneladas) já estariam comercializados, contra 25,8% na média histórica para o período. (cf. Datagro)

Lembrando que o plantio da nova safra de soja se iniciou lentamente em áreas do Mato Grosso e do Paraná, assim como no Norte do país. Espera-se uma área total no país de 45,4 milhões de hectares nesta nova safra. (cf. AgRural)

Por sua vez, a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) atualizou as projeções para esta última colheita de 2023, indicando que a produção de soja nacional teria chegado a 157,3 milhões de toneladas (em linha com o indicado por outras consultorias), enquanto o esmagamento do grão chega a 53,5 milhões de toneladas. Ao mesmo tempo, os volumes de produção de farelo e óleo de soja, neste ano, foram mantidos em 41 milhões e 10,8 milhões de toneladas, respectivamente.

Segundo ainda a Abiove, o esmagamento de soja, nos primeiros sete meses do corrente ano, atingiu a 28,3 milhões de toneladas, ou seja, 5,2% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. Enfim, a Associação estima que o Brasil irá exportar 99 milhões de toneladas de soja neste ano, 22 milhões de farelo e 2,4 milhões de toneladas de óleo de soja. Pelos preços médios atuais, o país obterá, no conjunto do complexo soja, um total de US\$ 66,8 bilhões em exportação, sendo US\$ 52,9 bilhões com o grão, US\$ 11 bilhões com o farelo e US\$ 2,9 bilhões com o óleo.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram um pouco durante a semana, fechando o dia 14/09 (quinta-feira) em US\$ 4,62/bushel, contra US\$ 4,70 uma semana antes.

O relatório do USDA, divulgado no dia 12/09, também foi baixista para o milho, embora o mercado considere que o mesmo esteja muito otimista. Ele indicou, para 2023/24, uma produção de milho, nos EUA, em 384,4 milhões de toneladas, volume um pouco

superior ao indicado em agosto. Já os estoques finais estadunidenses igualmente subiram um pouco, ficando em 56,4 milhões de toneladas. Quanto a produção mundial do cereal, a mesma foi elevada para 1,214 bilhão de toneladas e os estoques finais mundiais para 314 milhões de toneladas. A produção brasileira permaneceu projetada em 129 milhões de toneladas e a da Argentina em 54 milhões. O Brasil deverá exportar 55 milhões de toneladas e a Argentina 40,5 milhões neste próximo ano comercial 2023/24. Com isso, o preço médio do bushel de milho, para o produtor estadunidense, permaneceu projetado em US\$ 4,90, contra US\$ 6,55 estimado para 2022/23.

Por outro lado, na semana encerrada em 10/09, a qualidade das lavouras de milho nos EUA recuou igualmente, com as boas e excelentes ficando em 52%, enquanto outros 30% estavam regulares e 18% entre ruins a muito ruins. Até aquela data a colheita do cereal, nos EUA, chegava a 5% da área plantada, contra 4% na média.

Em paralelo, na semana encerrada em 7 de setembro, os EUA embarcaram 623.862 toneladas de milho, ficando dentro das expectativas do mercado.

Já na Argentina, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, a colheita de milho no vizinho país encerrou com um total de 34 milhões de toneladas, contra uma expectativa inicial de 54 milhões. A produtividade média final ficou em 84,3 sacos por hectare, o que é uma redução de 40,3 sacos sobre a média histórica dos últimos cinco anos. A Argentina colheu, ao todo, 6,72 milhões de hectares do cereal.

Enquanto isso, a produção de milho na Ucrânia, para 2023, está prevista em 32,8 milhões de toneladas, contra 29,1 milhões previstas em junho. O volume indicado fica 3% abaixo da média histórica local e 22% abaixo da safra de 2021, último ano antes da guerra com a Rússia.

E no Brasil, o preço do milho, após ensaiar uma pequena recuperação, voltou a ceder. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 52,95/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 35,00 e R\$ 54,00/saco.

Em tal contexto, a comercialização da última safra de verão, no Centro-Sul nacional, chegou a 72,4% da produção total, contra 83,4% na média histórica. Já a comercialização da safrinha 2023 atingiu a 51,7% do volume esperado, contra 68,6% na média histórica. (cf. Datagro)

A colheita geral da safrinha atingia a 93% da área no dia 7 de setembro, enquanto o plantio da nova safra de verão 2023/24 chegava a 17% no Centro-Sul brasileiro, segundo a AgRural. O excesso de chuvas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina vem atrasando o plantio.

No Mato Grosso especificamente, a comercialização da safrinha 2022/23 atingiu a 65,3% no final da semana passada. O preço médio do milho do Mato Grosso fechou agosto na casa dos R\$ 36,07/saco, com uma alta de 4,86% em relação ao registrado em julho/23. Já as vendas de milho, relativas a safra 2023/24, atingiam a 7,9% do total previsto, na mesma época. Lembrando que a média histórica é de 35,5% para este período do ano. Tamanho atraso se deve ao baixo preço praticado atualmente e a incerteza quanto a uma possível melhoria nos mesmos quando da nova colheita. Afinal,

os preços atuais não estão cobrindo o custo operacional das lavouras do cereal no Mato Grosso. (cf. Imea)

Por sua vez, no Paraná a colheita da safrinha atingiu a 89% da área no final da semana passada, sendo que as lavouras restantes apresentavam classificação de 78% em boas condições, 21% estavam médias e 1% ruins. Quanto ao plantio da nova safra de verão, o mesmo chegava a 42% da área esperada. (cf. Deral)

E no Mato Grosso do Sul, a colheita da safrinha chegava a 75,6% da área no dia 08/09, contra 96,1% na média histórica. O período entre os dias 07 e 09 de setembro foi marcado por muita chuva naquele Estado, atrasando ainda mais a colheita. Mesmo assim, a estimativa é de que o Estado colha 11,2 milhões de toneladas de milho safrinha, sendo este 12,3% menor do que o volume colhido no ano anterior. Já o preço do milho no Estado, nos primeiros 11 dias de setembro, subiu um pouco, passando a R\$ 38,94/saco, na média. Até esta data, 43,6% da safra estimada estava comercializada no Mato Grosso do Sul. (cf. Famasul)

Enfim, nos primeiros cinco dias úteis de setembro o Brasil exportou 1,96 milhão de toneladas de milho. No momento, a demanda pelo milho brasileiro está forte no exterior. (cf. Secex) A estimativa é de que o país exporte 10,7 milhões de toneladas somente em setembro, batendo o recorde histórico e superando em mais de 3 milhões de toneladas o que foi exportado no mesmo mês de 2022. (cf. Anec) Se isso vier a ocorrer, o Brasil poderá sim alcançar uma venda total de milho, em 2023, superior a 50 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, flertaram com as mínimas dos últimos anos, durante a semana, acabando por fechar o dia 14/09 (quinta-feira) em US\$ 5,67/bushel, contra US\$ 5,71 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, para 2023/24, divulgado no dia 12/09, manteve a produção dos EUA em 47,2 milhões de toneladas e os estoques finais em 16,8 milhões. A produção mundial do cereal foi reduzida em 6 milhões de toneladas, na comparação com agosto, ficando, agora, em 787,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais recuaram para 258,6 milhões de toneladas. A produção da Argentina seria de 16,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira ficaria em 10,3 milhões de toneladas. O Brasil deverá importar 5,6 milhões de toneladas do cereal. Com isso, o preço médio ao produtor dos EUA foi mantido em US\$ 7,50/bushel em 2023/24, contra US\$ 8,83 no ano anterior.

Por sua vez, a colheita do trigo de primavera, nos EUA, no dia 10/09, alcançava 87% da área semeada, ficando exatamente na média histórica para esta data.

O país embarcou, ainda, 406.181 toneladas de trigo, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial, iniciado em 1º de junho, os embarques somam 4,75 milhões de toneladas, ou seja, 26% menos do que há um ano.

À medida que a colheita das safras de primavera no Hemisfério Norte avança, o foco do mercado se volta para o Hemisfério Sul, pois as safras na Argentina e na Austrália entram em seus meses críticos de desenvolvimento. Na Argentina, as condições das lavouras melhoraram um pouco, porém, apenas 18% das mesmas, na semana passada se apresentavam entre boas a excelentes, ficando no mesmo nível do ano passado nesta data. A projeção de safra no vizinho país, segundo a Bolsa de Buenos Aires, é de 15 milhões de toneladas para 2023/24, lembrando que no último ano o país produziu apenas 11,5 milhões de toneladas em função de forte seca. Na Austrália, o clima está levando a revisões constantes para baixo na futura safra do país. Agora, a mesma está projetada em 25,4 milhões de toneladas, ou seja, 3,6 milhões a menos do que o USDA projeta em seu relatório. (cf. hEDGEpoint Global Markets)

Aqui no Brasil, os preços do trigo continuam pressionados para baixo. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 59,00/saco, enquanto as principais praças locais praticaram preços entre R\$ 57,00 e R\$ 60,00/saco. Já no Paraná, onde a colheita avança, os preços do trigo caíram para R\$ 50,00/saco.

Segundo a Conab, a colheita brasileira de trigo, da safra 2023, atingiu, no início da presente semana, a 17,9% da área. No mesmo período do ano passado, a mesma chegava a 11,8%.

No Paraná, com estimativa de uma colheita ao redor de 4,5 milhões de toneladas de trigo, até o dia 11/09 o Estado havia colhido 35% de sua safra, sendo que o restante a ser colhido se apresentava, naquela data, com 73% em boas condições, 21% em condições médias e 6% ruins. (cf. Deral)

E no Rio Grande do Sul, no final dos primeiros seis dias de setembro, as lavouras de trigo estavam 32% em germinação, 49% em floração, e 18% em enchimento de grãos. (cf. Emater)